



CAFÉ COM  
SUSTENTABILIDADE

FEBRABAN

11º CAFÉ COM SUSTENTABILIDADE  
É POSSÍVEL AVALIAR PROJETOS SOCIAIS?

CASE: PROJETO CISTERNAS - FEBRABAN

11



**CAROS (AS) LEITORES (AS),**

A FEBRABAN – Federação Brasileira de Bancos - deu início em junho de 2007 a uma série de cafés da manhã com o objetivo de discutir temas relacionados à sustentabilidade que afetam o dia-a-dia dos bancos e seus stakeholders. São convidados para os eventos representantes dos bancos associados, de organizações sociais e governamentais, federações e formadores de opinião.

Com essa iniciativa – denominada *Café com Sustentabilidade* – espera promover a reflexão crítica e qualificada sobre esse conceito, contribuindo para a convergência de objetivos dentro do setor.

O material que você está recebendo agora é a sistematização do debate realizado no 11º *Café* e tem o papel de disseminar e multiplicar conhecimentos e experiências relatadas durante esse encontro.

Boa leitura.

Comissão de Responsabilidade Social e Sustentabilidade - FEBRABAN

## **É POSSÍVEL AVALIAR PROJETOS SOCIAIS?**

A pergunta acima foi o tema do 11º Café com Sustentabilidade, realizado em 7 de outubro, no Auditório da Febraban, na capital paulista, e respondida a partir da apresentação de um caso concreto: o resultado da Avaliação de Impacto Socioeconômico do Projeto Cisternas, iniciativa que conta com o apoio da Federação desde 2003, e que já beneficiou – graças à contribuição direta da entidade – 29.629 famílias/141.533 pessoas que vivem em regiões rurais do semi-árido brasileiro.

Antes da divulgação dos resultados, foi mostrado como funciona esta metodologia de avaliação criada nos Estados Unidos e que pretende responder a questionamentos importantes que surgem no momento de decisão sobre o apoio ou a continuidade de uma determinada ação social, como a relação custo-benefício.

Os profissionais que compareceram ao encontro também puderam conhecer em mais detalhes o Projeto Cisternas, que está entrando numa nova etapa, tendo como foco – além da mobilização, capacitação e construção de cisternas – a estruturação do programa de modo que a AP1MC (Associação Programa Um Milhão de Cisternas), responsável pelo gerenciamento do projeto, ganhe autonomia e possa ela própria captar os recursos necessários a manutenção e à expansão de suas atividades, a partir de uma metodologia profissional.

Nas próximas páginas, você encontra mais detalhes sobre o encontro.



**Naércio Menezes Filho** – Doutor em Economia pela Universidade de Londres, é professor titular do IBMEC São Paulo e professor associado da FEA-USP. Atua como diretor de pesquisas do Instituto Futuro Brasil e pesquisador associado do Institute of Fiscal Studies-UK. Presta consultoria para a Fundação Itaú Social.

Será que determinado projeto social é realmente relevante? Uma das maneiras de se responder a essa pergunta é propondo que a ação em questão seja submetida a uma avaliação de impacto socioeconômico. “A questão principal que está por trás dessa metodologia é ver se o dinheiro investido está, efetivamente, mudando a vida das pessoas beneficiadas, mudando a vida para melhor”, explicou Naércio durante sua apresentação no 11º *Café com Sustentabilidade*.

## PÚBLICO ALVO E OBJETIVOS CLAROS

“Há questões importantes que podem ser respondidas por meio da avaliação socioeconômica. Dá para saber, por exemplo, se o projeto está atingindo o público alvo. Mas para isso é preciso, primeiramente, que a ação social tenha um universo de atuação bem definido. Também é necessário saber o que se quer atingir, qual é o objetivo do projeto. Muitas vezes, as pessoas gastam uma energia enorme na execução, mas os objetivos da ação ficam difusos. Dizem que funciona, que vêem o brilho nos olhos das crianças, mas para avaliar economicamente uma iniciativa é preciso que ela tenha um objetivo claro. Isso pode parecer óbvio, mas não é o que verificamos.”

## ETAPAS

“A avaliação socioeconômica pode ser dividida em duas etapas. Na primeira, checamos se o projeto em questão está, efetivamente, mudando a vida das pessoas. Tendo uma resposta positiva, passamos a uma nova fase na qual é checado o retorno econômico, a quais custos o impacto foi alcançado. Vamos contabilizar investimentos e comparar com os benefícios gerados. A partir do resultado dessa análise é possível afirmar se o dinheiro aplicado está sendo gasto de forma eficiente. Afinal, pode ser que o projeto tenha impacto, que o retorno econômico seja significativo, mas existem outras iniciativas, na mesma área de atuação, com uma taxa de retorno melhor e que devem ser priorizadas.”

## NÃO É A ÚNICA OPÇÃO

“A avaliação quantitativa, ou avaliação econômica, não deve ser o único critério utilizado para julgar um projeto social. Apesar desta ser a minha especialidade, reconheço que tem limitações e, portanto, deve ser conjugada com outras opções de avaliação, deve ser vista como um critério a mais para ajudar a tomada de decisões. Por outro lado, não podemos negar sua importância. Afinal, questões como eficiência, economia, relação custo-benefício são fundamentais, especialmente em países como o Brasil, onde os recursos são escassos, onde cada real gasto deve ter o maior retorno possível para a sociedade.”



## EXCLUINDO DESVIOS DE ANÁLISE

“Ao fazer a avaliação de impacto, é importante identificar se o resultado alcançado é realmente efeito do projeto ou se ocorreria independentemente da iniciativa. Não basta comparar o antes e o depois, pois podem ocorrer desvios.

Vamos pegar como exemplo um suposto projeto que tem como objetivo aumentar a empregabilidade entre os jovens de uma determinada região. São aplicados programas de treinamento e, após um período, checa-se que a taxa de emprego subiu de 60% para 80%. Uma análise superficial atribuiria esse crescimento ao programa. Não é o correto. Afinal, o índice de empregabilidade pode ter aumentado independentemente da ação; devido ao próprio crescimento da economia ou a instalação de uma nova indústria.

Para evitar erros, usamos, então, grupos de controle. No caso, seriam jovens, com perfil e características parecidas com as do grupo de tratamento – que é como chamamos os beneficiários do programa – mas que têm uma importante diferença: não foram atingidos pelo projeto. Depois, comparamos as duas realidades. Essa idéia é aplicada pela medicina corriqueiramente.”

## BENEFÍCIO SOCIAL

“A grande dificuldade da avaliação econômica consiste em estabelecer o benefício social, calcular as vantagens geradas em termos monetários. Mas existem várias metodologias para isso. No caso de projetos educacionais, é possível transformar o aumento de escolaridade em rendimentos. Isso porque sabemos que quem fica mais tempo na escola receberá um melhor salário quando chegar ao mercado de trabalho. Isso já foi comprovado. Em resumo, é possível transformar os anos de estudo adicionais em salário futuro.

Em projetos de qualificação profissional esse processo é ainda mais simples. Uma avaliação de impacto verificaria, por exemplo, entre os jovens beneficiados, quais estão empregados e qual é a média salarial. Depois, basta comparar esses dados com os de um grupo de controle, que não foi beneficiado pelo programa. Comprovada a diferença salarial, são feitas hipóteses considerando que essa diferença vai se prolongar ao longo do ciclo de vida profissional. Chegamos, assim, ao retorno econômico do projeto.”



## LIMITES DA AVALIAÇÃO ECONÔMICA

“Caso o programa não tenha gerado impacto na vida das pessoas, a avaliação econômica não consegue dizer porque isso aconteceu. Para isso é preciso ir a campo, fazer uma pesquisa qualitativa junto aos beneficiários. Outra limitação é que esse tipo de metodologia exige uma amostra mínima. Não pode ser utilizado em projetos cujo público alvo é muito restrito. Isso porque leva em conta cálculos estatísticos que precisam de escala. Outro ponto é que uma avaliação desse porte custa dinheiro. Em caso de projetos sociais pequenos, ao meu ver, não há necessidade em se gastar tantos recursos. A regra é que se deve investir no máximo até 5% do valor do projeto com a fase de avaliação.”





Aerton Paiva, formado em Administração de Empresas e Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo, é presidente da Apel Pesquisa e Desenvolvimento de Projetos. Compõe o quadro de líderes da Fundação Avina e é consultor na área de desenvolvimento sustentável junto ao Instituto Ethos e a empresas como Natura, Banco Real, Grandene e Promon Engenharia.

Aerton acompanhou de perto o Projeto Cisternas, desde sua fase inicial, marcada pelo apoio da Febraban para que a AP1MC pudesse se estruturar, dando início às suas atividades; passando pelo acompanhamento das ações – com a entrega das cisternas – ; até a fase de avaliação que, além de garantir transparência, mostrou os resultados concretos da iniciativa. “Uma coisa que aprendi com esse projeto é que não adianta ficar apenas no gabinete, fazendo a gestão a partir de São Paulo. É preciso sujar o pé, ir a campo”, relatou durante o encontro.

## APOIO DA FEBRABAN

“A Febraban buscava um projeto que tivesse representatividade nacional e foco em questões concretas, que pudesse amenizar problemas críticos no país. Além disso, a iniciativa deveria ser conduzida por instituições confiáveis. Na época, foi avaliada uma carteira enorme de projetos. O que chamou atenção no Projeto Cisternas foi seu formato, o fato da Articulação do Semi-Árido (ASA) não ser uma Pessoa Jurídica mas, sim, uma rede composta por mais de 700 organizações, de vários setores da sociedade civil, espalhadas por 11 estados brasileiros. Para cada tecnologia – a cisterna é apenas uma das tecnologias que a ASA desenvolve – havia uma OSCIP (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público), no caso a AP1MC (Associação Programa Um Milhão de Cisternas), que assumia a responsabilidade pelo gerenciamento do programa. O projeto dispunha ainda de uma sistemática de controle, bastante completa, que permitia rastrear – via internet – os recursos alocados. Tudo isso levou a Febraban a apoiar o Projeto Cisternas em 2003, sendo até o hoje o seu principal financiador privado.”

## INFORMAÇÕES SOBRE O SEMI-ÁRIDO

---

**ABRANGE UMA ÁREA DE 969 MIL QUILOMETROS**, ESTENDENDO-SE POR NOVE ESTADOS DA REGIÃO NORDESTE, ALÉM DO NORTE DE MINAS GERAIS E DE PARTE DO ESPÍRITO SANTO.

---

**VIVEM NA REGIÃO CERCA DE 20 MILHÕES DE PESSOAS**, O QUE TORNA O SEMI-ÁRIDO BRASILEIRO O MAIS POPULOSO DO MUNDO.

---

**DESTE TOTAL, 8 MILHÕES RESIDEM NA ZONA RURAL**, SENDO QUE DOIS TERÇOS TÊM QUE SE DESLOCAR DIARIAMENTE, POR CERCA DE UMA HORA, PARA TER ACESSO À ÁGUA.

---

**A PLUVIOSIDADE MÉDIA NA REGIÃO É DE 750 MILÍMETROS**, SUPERIOR A DE CIDADES COMO BERLIM E PARIS.

---

**POR OUTRO LADO, APENAS. 3% DAS FONTES DE ÁGUA DOCE DO PAÍS ESTÁ LOCALIZADA NESSA ÁREA** QUE TAMBÉM TEM COMO CARACTERÍSTICA A ALTA SALINIDADE DO SOLO – O QUE TORNA A ÁGUA SUBTERRÂNEA IMPRÓPRIA AO CONSUMO HUMANO –, A MÁ-DISTRIBUIÇÃO DAS CHUVAS E UM ALTO ÍNDICE DE EVAPORAÇÃO, EM CONSEQÜÊNCIA DO CALOR E DOS FORTES VENTOS.

---



## CISTERNAS

“Várias alternativas já foram testadas na tentativa de prover água para essa região, diferentes maneiras de captação e modelos variados de cisternas foram utilizados. O que se percebeu é que a cisterna de placas é a melhor opção levando em conta a questão custo-benefício. Porém, experiências anteriores mostraram que não adianta apenas oferecer a tecnologia, é preciso envolver as famílias, explicando questões importantes como o uso racional da água e a relação entre ‘água’ e o poder público local.”

## APRENDIZADO

“Uma coisa que aprendi com esse projeto é que não adianta ficar apenas no gabinete, fazendo a gestão a partir de São Paulo. É preciso sujar o pé, ir a campo. Isso significa ir até o sertão e aprender – como eles dizem – como se ‘faz água’. Ou seja, ir até o barreiro, colocar uma lata de 20 litros sobre a cabeça, andar durante três horas debaixo do sol quente, ferver essa água, filtrar, para no final ter um litro de água de cor marrom. É preciso conhecer o outro lado para entender a importância da iniciativa.”

## NÚMEROS E RESULTADOS

“Já foram construídas 29.629 cisternas. Ao todo, foram investidos R\$ 39.477 milhões, sendo que 76% foi aplicado na construção de cisternas e o restante em infraestrutura. Este ano, teve início uma nova fase dentro do projeto, criando um modelo de capacitação nacional e internacional que permitirá a AP1MC (Associação Programa Um Milhão de Cisternas) se estruturar para não depender exclusivamente dos recursos da Febraban ou do governo.”



## AVALIAÇÃO DE IMPACTO SOCIOECONÔMICO DO PROJETO CISTERNAS

O professor Naércio Menezes Filho foi quem apresentou os resultados da Avaliação de Impacto Socioeconômico do Projeto Cisternas. “Tendo explicado como funciona essa metodologia de avaliação, vamos passar agora a sua aplicação em um caso específico, o Projeto de Cisternas”, afirmou.

## PESQUISA DE CAMPO

“Para colher os dados, foi realizada uma pesquisa de campo, coordenada pelo Instituto SENSUS, no período entre abril e agosto de 2007. O levantamento abrangeu nove estados – Alagoas, Bahia, Ceará, Pernambuco, Piauí, Minas Gerais, Paraíba, Rio Grande do Norte e Sergipe – totalizando 122 municípios. E a amostra contemplou 768 domicílios, entre os quais 384 foram beneficiados pelo projeto em 2004; e outros 384 compreendiam o grupo de controle, não atendidos pelo programa. Escolhemos domicílios beneficiados em 2004 para que houvesse tempo para que os impactos gerados pela construção da cisterna fossem percebidos.”

## GRUPO DE TRATAMENTO X GRUPO DE CONTROLE

“O grupo de tratamento foi formado por domicílios que têm a cisterna, sendo que o reservatório poderia ou não ter placa indicando que foi construído a partir de recursos doados pela Febraban. Cerca de 90% tinham a placa indicativa. Já para formar o grupo de controle, optamos por domicílios instalados em regiões distantes que serão futuramente contempladas pelo projeto, que estão na lista de espera, o que garante a semelhança entre os dois grupos.”



## PAREAMENTO

“Não simplesmente comparamos os resultados dos grupos de tratamento e controle. Fizemos uma análise estatística para eliminar o máximo possível as diferenças entre esses dois grupos. Essa técnica chama-se pareamento. Ou seja, para cada domicílio que foi beneficiado pela cisterna, tentamos encontrar o domicílio mais semelhante dentro do grupo de controle, formando pares e comparando-os individualmente.”

## INDICADORES

“Analisamos questões como: o tempo gasto para buscar água para beber e cozinhar, para lavar louças, e para tomar banho. Considero esses indicadores importantes para saber se, com a cisterna, as famílias passaram a ter tempo livre para se dedicar a outras atividades. Já ao analisar a incidência de doenças, queríamos saber como o programa está influenciando a qualidade de vida da população. Com o item ‘acesso à escola’, nossa intenção era descobrir se, uma vez que o jovem não precisa mais ir buscar água, isso impactou na atividade escolar. O mesmo questionamento é levantando com relação ao trabalho.”

## MOBILIZAÇÃO SOCIAL

“Com esse indicador – que considero um dos mais importantes – queremos verificar de que maneira o programa está promovendo a mobilização da sociedade, o engajamento dos envolvidos. É isso o que vai garantir a sustentabilidade da comunidade no longo prazo, independentemente da cisterna. Chamamos esse aspecto de ‘capital social’ e é um fator que está atraindo cada vez mais a atenção dos pesquisadores.”

### Avaliação de impactos socioeconômicos 2007

Indicadores de interesse	Impactos avaliados	Resultados obtidos	
1 Melhoria no acesso à água	Diminuição do tempo médio para buscar água para:	Beber e cozinhar	40 min
		Lavar louças e roupas	18 min
		Tomar banho	24 min
2 Incidência de doenças	Diminuição da incidência das doenças	Asma	3,9 pp
		Chagas	2,6 pp
		Vermínoses	4,2 pp
		Dengue	3,6 pp
		Hepatite	impacto não significativo
		Diarréia	impacto não significativo
3 Frequência escolar e probabilidade do trabalho	Aumento na probabilidade de freqüentar a escola para crianças e jovens de 7 a 17 anos	Frequência escolar	7,5 pp
		Aumento na probabilidade de trabalho	Probabilidade de trabalho não houve impacto
4 Mobilização social	Participação em atividades comunitárias	Participação dos beneficiários em reuniões	28 pp
		Mobilização com vizinhos para resolver problemas comuns	17,5 pp
		Trabalho voluntário	14 pp
		Número de moradores membros de alguma organização	12 pp
		Qualidade da cisterna	A água da cisterna é suficiente?
		não 25%	
	Divide água da cisterna com outras famílias?	sim 42%	
		não 58%	
	Alguém da família recebeu treinamento para construção da cisterna?	sim 46%	
		não 54%	
6 Retorno econômico	Cálculo baseado no tempo adicional na escola por cada criança e no ganho adicional por ano de escola	Taxa Interna de Retorno (TIR)	4,8% ao ano





## ANÁLISE RESULTADOS

“Ocorreu uma redução de 40 minutos no tempo gasto para buscar água para beber e cozinhar. Essa é uma diferença significativa e representa um ganho em bem-estar. Em termos de trabalho, não houve impacto estatisticamente significativo. As pessoas que receberam as cisternas não trabalham mais do que os que não receberam. Em resumo, não estão usando o tempo livre em uma atividade remunerada. Por outro lado, a pesquisa mostrou que as crianças estão indo, sim, mais a escola. Houve um aumento de 7,5% na frequência escolar. Isso é importante, pois é um indicador que tem impacto no longo prazo.”

## RENDA E MOBILIZAÇÃO

“Não houve impacto significativo em termos de renda. Ou seja, no tempo decorrido desde a instalação da cisterna até o momento da pesquisa, não houve diferença em termos de riqueza do domicílio; as pessoas não estão utilizando o tempo que estão economizando com o acesso à água para se engajar em atividades produtivas e produzir renda. Mas os indicadores de mobilização social mostram claramente que o programa está causando impacto nessa área. E isso é importante pois se a comunidade passa a se organizar, passa a estar capacitada para buscar novos recursos, para melhorar sua qualidade de vida.”

### Benefícios econômicos\*

Valor investido em 2004	MR\$ 12.810
Famílias atendidas em 2004	10.000
Tamanho médio das famílias	4,5
Total de pessoas atendidas (10.000 x 4,5)	45.000
26% de jovens de 7 a 17 anos (45.000 x 26,5%)	11.944
Aumento da frequência escolar provocada pelo projeto	7,5%
Quantidade de crianças e jovens a mais na escola (11.944 x 7,5%)	896
Hipótese de tempo adicional na escola por cada criança	1 ano
Ganho adicional de salário por ano de escola	R\$ 94,00
Ganho anual por criança na escola (R\$ 94 x 12 meses)	R\$ 1.128
Benefício total anual gerado pelo projeto (896 crianças x R\$ 1.128)	MR\$ 1.010

\* Dados referentes a 2004

## RETORNO ECONÔMICO

“Trabalhamos com a hipótese de que as crianças de famílias beneficiadas pela cisterna permanecerão um ano a mais na escola, já que houve um incremento de 7% na frequência escolar, comparando com o grupo de controle. Segundo dados da Pesquisa por Amostra de Domicílios (PNAD), na prática, um ano a mais de estudo, representa um incremento de R\$ 94 na renda mensal ou de R\$ 1.128 ao ano. E, segundo pesquisas, esse aumento na renda é para a vida toda. Depois de vários cálculos, então, chegamos a uma taxa de retorno de 4,8% ao ano. Mas há motivos para supor que o retorno pode ser ainda maior. Isso porque as crianças podem ficar mais tempo na escola. Tem também o impacto da mobilização da sociedade que não foi computado mas pode vir a ter efeitos importantes no longo prazo. Há ainda o impacto sobre a saúde, uma melhora nesse item capacita as pessoas em termos de capital humano para trabalhar. Mas preferimos adotar uma postura conservadora, e mesmo assim chegamos a uma taxa de retorno de quase 5%. Isso é muito relevante.”





Naidison veio acompanhar a 11ª edição do *Café com Sustentabilidade* e foi convidado a dar seu depoimento. “O resultado da avaliação projetou mais qualidade a nossa intervenção, não tenho nenhuma dúvida em fazer essa afirmação”, disse.

**Naidison Batista**, vice-presidente da A1PMC

## O PROCESSO AVALIATIVO

“É importante que se destaque que a pesquisa ocorreu sem a nossa intervenção. Ou seja, não indicamos famílias. Não sabemos quais foram as famílias visitadas, quando foram visitadas e o que responderam. Isso é importante pois dá objetividade e garante imparcialidade a pesquisa. Nós não interferimos no processo, não dissemos se deveriam ir por aqui ou por ali. Informamos apenas que determinada região, provavelmente, seria atendida pelo projeto no futuro. Essa foi a nossa participação, além de disponibilizar todos os dados que existem no programa para que a avaliação pudesse ser desenvolvida.”

## UM OLHAR DE FORA

“Nós estamos excessivamente envolvidos com o projeto, até mesmo emotivamente. Por isso é importante um olhar de fora que nos diga onde precisamos melhorar, esse redesenho é importante. Por outro lado, o resultado da pesquisa reafirmou um conjunto de questões que tínhamos conhecimento pelo senso comum, por meio do testemunho de pessoas beneficiadas. Mostra que o projeto é bom e tem impacto. E mais: nos qualifica para que possamos criar e identificar mais parceiros, que conosco criem a possibilidade de ampliar o trabalho.”

## PÚBLICO ALVO

“Vale ressaltar que as famílias beneficiadas não são escolhidas aleatoriamente. A escolha é feita a partir de um conjunto de critérios que leva em consideração, por exemplo, o nível efetivo de pobreza, se o responsável pela família é uma mulher, o número de deficientes, se há idosos e a quantidade de crianças em



idade escolar freqüentando a escola. Mas não chegamos numa comunidade e decidimos se fulano ou cicrano é quem vai receber a cisterna. Entregamos a lista de critérios e é a comunidade que vai identificar as famílias com o perfil adequado e apontar aquelas que devem ter prioridade. É claro que nós checamos e supervisionamos as indicações, mas a perspectiva da escolha passou a ser da comunidade. Isso é uma inversão de valores, principalmente no semi-árido onde ainda prevalece o ‘Q!’: quem indica é o vigário, o prefeito, o vereador, o deputado, o senador ou o sindicato. Com essa atitude estamos construindo um processo de cidadania, no qual cabe às próprias pessoas definirem seu destino.”

## O DEBATE

Durante o debate, foi abordado pela platéia um tema recorrente e atual, a transposição do Rio São Francisco versus outras opções menos evasivas ao meio ambiente, como a construção de cisternas. “Quando citamos o semi-árido, estamos falando de uma região imensa que começa no Espírito Santo e vai até o estado do Maranhão.

O Rio São Francisco não tem essa cobertura”, comentou Aerton Paiva, presidente da Apel Pesquisa e Desenvolvimento de Projetos. “Tem mais um ponto: a construção de cisternas não provoca impacto ambiental, não diminui o fluxo de água para outras regiões. Mas, sinceramente, não sei porque há tanta discussão entre esses dois temas. Tratam-se de soluções diferentes, que devem ser tratadas de maneira diferenciada, mas que não se contrapõe, se completam”.

Outra dúvida foi sobre se é possível aplicar a avaliação socioeconômica para todos os projetos sociais, independentemente da área de atuação. “Há escopo para avaliar o impacto de um projeto nas mais variadas dimensões. Já acompanhei, por exemplo, a avaliação de projetos de música, de saúde, de canais de televisão”, explicou o professor titular do IBMEC São Paulo e professor associado da FEA-USP, Naércio Menezes Filho. “A grande dificuldade está em calcular o retorno econômico do impacto. Realmente, as metodologias existentes são mais facilmente aplicadas nas áreas educacional, de mercado de trabalho e qualificação. Mas dá para tentar transformar qualquer benefício social em valor econômico. Na área de saúde, por exemplo, algumas metodologias nos EUA utilizam como cálculo o aumento da esperança de vida, atribuindo-lhe um valor e chegando ao retorno econômico.”

Ana Beatriz Patrício, superintendente da Fundação Itaú Social e responsável pela mediação do encontro, foi quem encerrou o debate: ““No Brasil, estamos acompanhando, nos últimos anos, uma evolução do conceito de filantropia para o de investimento social. Isso mostra maturidade. Por outro lado, quando falamos em investimento, falamos em resultados; e resultados têm que ser medidos.”, afirmou. “Por isso, costumo dizer que avaliar é um dever ético de todo gestor de projeto social, independentemente da ação ser mantida pelo poder público, ou pela sociedade civil organizada, ou por instituições privadas. Afinal, todo projeto social gera expectativas. E é um dever ético do gestor identificar se essas expectativas estão sendo ou não atingidas.”

## OPINIÕES

A seguir, depoimentos e opiniões de profissionais que estiveram presentes ao 11º *Café com Sustentabilidade* - É possível avaliar projetos sociais?

“Os assuntos que são tratados nos Cafés promovidos pela Febraban são de suma importância. Considero de extrema relevância a avaliação de projetos sociais e a forma como esse tema foi apresentado.”

**Vagner Pedrosa Berti**, consultor de eventos.

“Este é o primeiro evento que participo e achei bem positivo em termos de conteúdo e objetivo. A temática é relevante e atual. Pretendo comparecer aos próximos encontros da série *Café com Sustentabilidade*.”

**João Francisco de Carvalho Pinto Santos**, presidente da The Key.

“Foi um encontro muito rico, por apresentar um caso prático. Saio daqui com importantes informações, lições que irei aplicar no meu dia-a-dia, na empresa em que trabalho”.

**Armando Rísoli**, gerente de projeto da área de Cidadania Corporativa da IBM.

### CRÉDITOS:

Redação  
leda Pessolato

Fotos  
Marcela Beltrão

Projeto Gráfico  
fmcom

Coordenação  
Regiane Benencase



CAFÉ COM  
SUSTENTABILIDADE

FEBRABAN

Febraban – Federação Brasileira de Bancos  
Av. Brigadeiro Faria Lima, 1485, 15º andar  
CEP 01452-921 | São Paulo | SP

[www.febraban.org.br](http://www.febraban.org.br)